



REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ISSN 2176-9036

Vol. 9. n. 1, jan./jun. 2017

Sítios: <http://www.periodicos.ufrn.br/ambiente>

<http://ccsa.ufrn.br/ojs/index.php?journal=contabil>

<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/Ambiente>

Artigo recebido em: 27.05.2015. Revisado por pares em: 07.08.2015. Reformulado em: 02.06.2016. Avaliado pelo sistema double blind review.

QUAIS ATRIBUTOS DEFINEM UM BOM PROFESSOR? PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS OFERTADOS NO BRASIL E EM PORTUGAL

WHICH ATTRIBUTES DEFINE A GOOD TEACHER? PERCEPTION OF ACCOUNTING COURSES STUDENTS OFFERED IN BRAZIL AND PORTUGAL

QUE ATRIBUTOS DEFINEN UN BUENP? PERCEPCIÓN DE ESTUDIANTES DE CURSOS DE CONTABILIDAD OFRECIDOS EN BRASIL Y PORTUGAL

Autores

Ana Paula Capuano da Cruz

Doutora em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (FEA/USP).

Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço: Av. Itália, km 8 s/nº, Carreiros. CEP: 96203-900 - Rio Grande, RS – Brasil. Telefone: (53) 9104-8967 / (53) 3230-2417.

E-mail: anapaulacapuanocruz@hotmail.com

Alexandre Costa Quintana

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (FEA/USP).

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço: Av. Itália, km 8 s/nº, Carreiros. CEP: 96203-900 - Rio Grande, RS – Brasil. Telefone: (53) 9945-2132 / (53) 3293-5081

E-mail: professorquintana@hotmail.com

Débora Gomes Machado

Doutora em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

Professora do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço: Av. Itália, km 8 s/nº, Carreiros. CEP: 96203-900 - Rio Grande, RS – Brasil. Telefone: (53) 9151-3340 / (53) 3293-5081

E-mail: debora_furg@yahoo.com.br

Flávia Regina Czarneski

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço: Av. Itália, km 8 s/nº, Carreiros. CEP: 96203-900 - Rio Grande, RS – Brasil. Telefone: (53) 9900-1503 / (53) 3232-4926.

E-mail: flavia.furg@gmail.com

Luane de Oliveira Lucas

Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço: Av. Itália, km 8 s/nº, Carreiros. CEP: 96203-900 - Rio Grande, RS – Brasil. Telefone: (53) 9105-7296 / (53) 3293-5081

E-mail: luane_luluka@hotmail.com

RESUMO

Esta investigação buscou identificar e comparar os atributos que na percepção de alunos de cursos de Ciências Contábeis ofertados no Brasil e em Portugal definem o bom professor. O estudo está ancorado no modelo de Lowman (2004), que defende que o perfil do bom professor pode ser definido a partir de um conjunto de seis atributos: (i) conhecimento, planejamento e didática, (ii) capacidade tecnológica, (iii) relacionamento com os discentes, (iv) atributos pessoais, (v) capacidade de motivação e (vi) nível de exigência. O levantamento foi conduzido por meio de questionário eletrônico com 151 alunos vinculados a Universidade Federal do Rio Grande (91 estudantes) e a Universidade de Aveiro (60 estudantes). Empregou-se a técnica de análise fatorial para análise dos dados. Os achados indicam que os estudantes brasileiros definem o bom professor como aquele que tem domínio do conteúdo, que tem didática e se mostra claro nas explicações. Os estudantes portugueses atribuem maior importância a atributos como conhecimento teórico e prático e capacidade de estabelecer ligação entre estes, além de indicarem a relevância de possuir domínio do conteúdo e capacidade de explicação. Em síntese, os principais atributos para definir um bom professor estão ligados ao planejamento, conhecimento, didática, características de relacionamento e motivação, que explicam 94% do perfil do bom professor.

Palavras-chave: Atributos do bom professor. Docência em Ciências Contábeis. Preferências discentes.

ABSTRACT

This research was developed in order to identify and compare which attributes Accounting students enrolled in courses offered in Brazil and Portugal define the teacher as “good”. The study is based in the Lowman model (2004), which argues that the profile of a good teacher can be set from a set of six attributes: (i) knowledge, planning and didactic, (ii) technological capacity, (iii) relationships with students, (iv) personal attributes (v) ability of motivation and (vi) its level of demand. The survey was conducted through an electronic questionnaire with 151 students linked to the Universidade Federal do Rio Grande (91 students) and the Universidade de Aveiro (60 students). It used the factor analysis technique for data analysis. The findings indicate that Brazilian students define the good teacher as one who has mastery the discipline subject, didactics and clarity in explanations. Portuguese students consider most important attributes theoretical and practical knowledge and ability to create connection between them, and indicate the importance of mastering the discipline subject and the ability to explain. In summary, the key attributes to define a “good teacher”, are linked to planning,

knowledge, didactic, relationship skills and motivation. These characteristics describe 94% of the good teacher profile.

Keywords: Good Teacher Attributes. Teaching in Accounting. Students Preferences.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar y comparar los atributos que en la percepción de los estudiantes de Contabilidad cursos ofrecidos en Brasil y Portugal definen el buen profesor. El estudio está anclado en el modelo Lowman (2004), que sostiene que el perfil de un buen profesor puede establecerse a partir de un conjunto de seis atributos: (i) el conocimiento, la planificación y la enseñanza, (ii) la capacidad tecnológica, (iii) relaciones con los estudiantes, (iv) los atributos personales (v) la capacidad para motivar y (vi) el nivel de la demanda. Para realizar la investigación, desarrollada a través de una encuesta cuestionario electrónico con 151 estudiantes vinculados a la Universidade Federal de Rio Grande (91 estudiantes) y la Universidade de Aveiro (60 alumnos). Se utilizó la técnica de análisis factorial para el análisis de datos. Los resultados indican que los estudiantes brasileños definen el buen profesor como el que tiene el dominio del contenido, que es didáctico y muestra explicaciones claras. Estudiantes portugueses conceden gran importancia a atributos tales como el conocimiento teórico y práctico y capacidad de conectarse entre ellos, e indican la importancia de tener el dominio del contenido y poder explicativo. En resumen, la clave para definir los atributos de un buen profesor están vinculados a la planificación, el conocimiento, la enseñanza, las características de relación y motivación, que explica el 94% del buen perfil de profesor.

Palabras clave: Atribuye el Buen Profesor. Docencia en Contabilidad. Estudiantes Preferencias.

1 INTRODUÇÃO

O ensino está em constante adaptação e evolução e, à medida que novas necessidades vão surgindo, leis, diretrizes, ferramentas, *softwares* etc. vão sendo construídos ou remodelados. Respeitando-se as particularidades de cada área, é necessário que, de alguma forma, os docentes acompanhem esse ajustamento. Para que o progresso seja consolidado, as estratégias ligadas ao ensino superior em contabilidade buscam formar profissionais com sólidos conhecimentos e capazes de lidar, simultaneamente, com novas tecnologias de informação e comunicação, além de conhecimentos específicos da profissão. Dentre os esforços que são necessários para atingir essa finalidade, tem-se a necessidade de professores capacitados, didática e pedagogicamente, nos cursos de Ciências Contábeis.

No Brasil, o curso superior em Ciências Contábeis é um curso de bacharelado, o que, em tese, significa que os alunos são preparados para atuar profissionalmente. Apesar dessa configuração, a ausência de questões pedagógicas, pelo menos do ponto de vista formal, tendo em vista que disciplinas que versam sobre didática e avaliação, por exemplo, não estão contempladas no currículo de cursos brasileiros, não impede os bacharéis em Ciências Contábeis de lecionarem. De qualquer forma, é importante ressaltar que após o término do curso de graduação, tais profissionais podem complementar sua formação por meio de cursos de especialização, mestrado e/ou doutorado, o que pode proporcionar algum tipo de formação relativa a metodologias de ensino superior e que abordem, de alguma forma, aspectos pedagógicos. Como na maioria das vezes o professor de contabilidade domina apenas o referencial técnico contábil, não estando provido de embasamento pedagógico para a licenciatura, o ensino de Ciências Contábeis torna-se uma tarefa difícil para o professor (HERNANDES; PELEIS; BARBALHO, 2006). Evidências empíricas recentes comprovam que os próprios professores percebem uma série de problemas no exercício da profissão docente (ARAÚJO *et al.*, 2015).

Diferentemente da configuração brasileira, em Portugal, o curso de graduação em Ciências Contábeis ofertado desde 2005, é um curso de licenciatura. A reorganização do sistema de graus e diplomas do ensino superior português se deu em agosto de 2005, por meio da alteração da Lei nº 49, de Bases do Sistema Educativo (PORTUGAL, 2005). Dessa forma, considerando-se que a ausência de embasamento pedagógico pode ampliar os desafios para o exercício da profissão docente (ARAÚJO et al., 2015; HERNANDES; PELEIS; BARBALHO, 2006), torna-se relevante promover comparações entre um curso de Ciências Contábeis ofertado no Brasil – um curso de bacharelado e um curso ofertado em Portugal – um curso de licenciatura.

Considerando-se os contextos brasileiro e português recém-apresentados e a necessidade de se ter professores, didática e pedagogicamente capacitados nos cursos de Ciências Contábeis, desenvolve-se esta pesquisa com a finalidade de responder o seguinte questionamento: **Quais atributos delineiam o bom professor, na percepção de alunos de cursos de Ciências Contábeis ofertados no Brasil e em Portugal?** O objetivo desta pesquisa consiste em identificar e comparar quais os atributos que alunos de cursos de Ciências Contábeis consideram pertinentes ao bom professor, considerando discentes matriculados na Universidade de Aveiro (UA), em Portugal e na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Brasil.

A identificação dos atributos valorizados por discentes de cursos ofertados em Portugal e no Brasil é relevante para a comunidade acadêmica de modo geral – leitores, discentes, docentes e as Instituições de Ensino Superior. Isso porque o mapeamento das preferências discentes no que diz respeito ao bom professor pode proporcionar aprendizado à comunidade, bem como revisão de estratégias de ensino-aprendizagem e posturas de profissionais. Com base nos achados, o professor poderá se auto avaliar, conhecer seus pontos fortes e identificar aspectos que necessitam de aprimoramento e, dessa forma, oportunizar o enriquecimento do seu trabalho, seja no modo de agir em sala de aula, na maneira de abordar os conteúdos e/ou nas ferramentas utilizadas.

Na linha de argumentação de Gammie, Gammie e Cargill (2002), que defendem a necessidade de ampliação das habilidades para estudantes de Ciências Contábeis, sobretudo em virtude de uma situação econômica que se configura cada vez mais desafiadora para o exercício da profissão, a partir desta investigação e de pesquisas similares o professor terá condições de aperfeiçoar suas estratégias de ensino com base nas preferências dos alunos.

Este estudo está estruturado em cinco seções. Primeiramente, introduz-se o problema de pesquisa e a motivação para o desenvolvimento da investigação. A segunda seção reúne o referencial teórico que fundamenta o estudo. Na terceira seção da investigação são indicados os procedimentos metodológicos utilizados e, posteriormente, na quarta e quinta seções da investigação, são apresentadas a discussão dos resultados e as considerações finais do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção aborda o quadro teórico que serve de referência à pesquisa. Discute-se mais detalhadamente o perfil do bom professor e os atributos que o delineiam, baseando-se na premissa de que a melhoria na qualidade do ensino não depende somente da realização de mudanças curriculares e estruturais nos cursos ofertados, mas principalmente, da seriedade, dedicação e compromisso assumido pelos professores na capacidade de formar bons profissionais e não apenas informá-los sobre alguns conteúdos. Assim, compartilha-se da visão que os professores são um dos principais agentes de mudanças no ensino.

2.1 BOM PROFESSOR

Segundo Kühl *et al.* (2013), as discussões e reflexões sobre competências docentes têm sido intensas nos últimos 30 anos. Em linhas gerais, o debate sobre o bom professor é recorrente nos espaços de formação, seja no âmbito acadêmico ou nos próprios locais de atuação do professor (KÜHL *et al.*, 2013; NOGUEIRA; NOVA; CARVALHO, 2012; PAN *et al.*, 2009; REICHEL; ARNON, 2009). O que as pessoas informam e pensam sobre o bom professor é um dado importante, pois a informação é a dimensão da representação social que expressa a organização do conhecimento sobre o que é representado e esse conhecimento se organiza no curso das vivências diárias (RANGEL, 1994).

Estudiosos das práticas docentes exploram as características que delineiam o bom professor a partir de um construto que assume diferentes denominações: competências (KÜHL *et al.*, 2013; PLUTARCO; GRADVOHL, 2010), perfil (PAN *et al.*, 2009; SANTANA; ARAÚJO, 2012), atributos (NOGUEIRA; NOVA; CARVALHO, 2012; SANTANA; ARAÚJO, 2012), entre outras variações. Para Reichel e Arnon (2009), o “bom professor” é um conceito arquetípico, cuja discussão percorre teorias filosóficas e educacionais com a finalidade de expressar um ideal; um composto de várias qualidades e conteúdos. Desse modo, como cada discente tem suas próprias percepções e preferências, descrever o perfil ideal de um professor é uma tarefa árdua.

Segundo Rangel (1994, p. 11), “[...] em cada representação do ‘bom professor’ convivem o real e o ideal, ambos formados na experiência, nas interações, nas comunicações, ao mesmo tempo em que na expectativa e na esperança dos sujeitos”. Assim, para se discutir o perfil de um professor é necessário avaliar sua vivência, sua história, o contexto em que adquiriu o seu conhecimento e o meio onde se desenvolveu profissionalmente. Cunha (1994) destaca que o professor nasceu numa época, num local e numa determinada circunstância que interferem no seu modo de ser e de agir. Suas experiências e sua história são fatores determinantes do seu comportamento, assim como seu cotidiano que, conjuntamente, representam a objetivação dos valores e conhecimentos em uma dada circunstância (Cunha, 1994). Segundo a autora, é com base nesses elementos que a prática pedagógica se faz concreta.

Cataldi (2004) descreve o bom professor como um profissional justo, paciente, claro em suas explicações, que aceita explicar quantas vezes forem necessárias até que o aluno entenda o conteúdo e que, acima de tudo, demonstre interesse pelos estudantes. Complementarmente, Cunha (1994) menciona que na organização do contexto da aula, o bom professor explicita o objetivo da aula, situa historicamente o contexto, relaciona o conteúdo com outras áreas do saber, apresenta o roteiro da aula, indica materiais de consulta. E ainda, incentiva à participação do aluno, pois valoriza o diálogo formulando perguntas, provocando os alunos para que realizem perguntas e transferindo indagações de um aluno para outro, usa palavras de reforço positivo, ouve experiências cotidianas dos alunos. Já na relação ao trato da matéria de ensino, o bom professor adota uma linguagem acessível, usa exemplos e utiliza resultados de pesquisa. A autora aborda também sobre a variação de estímulo; segundo ela, o bom professor usa adequadamente recursos audiovisuais, movimentando-se na sala de aula, estimula a divergência e a criatividade. Por fim, no que diz respeito ao uso da linguagem o bom professor é claro nas explicações e tem senso de humor.

O bom professor também é ressaltado por Zabalza (2004). O autor aborda outra característica: a utilização dos sistemas de avaliação adequados. Além disso menciona que o bom professor universitário deve contemplar o planejamento do ensino, a organização das condições e do ambiente de trabalho, a seleção interessante de formas de apresentação, a elaboração de materiais de apoio para os estudantes, o uso de metodologias de ensino adequadas, além de dar atenção e apoio aos estudantes.

2.2 ATRIBUTOS DO BOM PROFESSOR

Nesta pesquisa o composto de qualidades e conteúdos ideais é tratado sob a égide do constructo atributo. Para tanto, utiliza-se o modelo de Lowman (2004), que considera a existência de um conjunto de atributos que delineiam o bom professor, quais sejam: (i) conhecimento, planejamento e didática, (ii) capacidade tecnológica, (iii) relacionamento com os discentes, (iv) atributos pessoais, (v) capacidade de motivação e seu (vi) nível de exigência. A escolha pelo referido modelo justifica-se pelo fato de sua utilização recorrente em diversas investigações (CATAPAN; COLAUTO; SILLAS, 2012; NOGUEIRA; NOVA; CARVALHO, 2012; PAN et al., 2009; VIEIRA; PADILHA; DOMINGUES, 2013) que exploram o tema.

Inspirado pelas próprias observações de um grupo de 25 professores exemplares, de uma série de disciplinas, em diversas faculdades e universidades da Carolina do Norte da Nova Inglaterra, Lowman (2004) desenvolveu um modelo bidimensional de efetividade do ensino universitário. Segundo o autor, a qualidade do ensino está relacionada com a habilidade do professor em criar estímulo intelectual e empatia interpessoal com os estudantes – “espécies de emoção e relacionamento que os motivam a dar o melhor de si no trabalho” (LOWMAN, 2004, p. 38). O autor destaca que as avaliações promovidas pelos estudantes permitem que se obtenha um retrato consistente de quão bem o professor conduz uma disciplina e se ele promove relações interpessoais positivas com os estudantes.

2.2.1 CONHECIMENTO, PLANEJAMENTO E DIDÁTICA

Conhecimento, planejamento e didática são atributos que dão forma à aula de um professor. Em linhas gerais, conhecimento é o que será transmitido aos alunos; planejamento significa a programação, o decorrer de uma aula, de um semestre ou de um ano letivo e; didática a forma como o professor interage entre o conhecimento, o planejamento e a transmissão aos alunos.

Davenport e Prusak (1998, p. 6) definem **conhecimento** como sendo “uma mistura fluida de experiência condensada, valores e informação contextual e *insight* experimentado, a qual proporciona uma estrutura para avaliação e incorporação de novas experiências e informações”. Entretanto, encontram-se professores transmissores de conhecimento, sem comprometimento ou capacidade de relacionar o conteúdo ministrado com questões de ordem prática. Conseqüentemente, amplia-se o risco de que haja uma desvinculação entre a teoria e a prática, ou seja, a realidade na qual os alunos estão inseridos. O conhecimento precisa ser compreendido como um processo que deve estar em constante desenvolvimento, reconhecendo-se que, o que é considerado hoje como verdade, amanhã poderá não ser (NOSSA, 1999).

Segundo Bozu e Herrera (2009), as competências profissionais dos professores universitários podem ser definidas como o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para um ensino de qualidade. Para o desenvolvimento dessas competências torna-se necessário que os professores reflitam sobre o seu envolvimento na construção do corpo de conhecimentos para lidar efetivamente com o tratamento e qualidade de problemas em sala de aula. Segundo as autoras, ao invés de transmitir uma grande quantidade de informações, os professores devem promover o desenvolvimento de habilidades como garantia para que os sujeitos – alunos – possam continuar a aprender ao longo da vida e realizarem-se de forma adequada e satisfatória em um mundo complexo e

com mudanças constantes. Assim, reforça-se a necessidade de definir um perfil de bom professor para garantir um desempenho profissional eficiente, eficaz e bem sucedido.

Um perfil de ensino baseado na competência pode servir na melhoria contínua da profissão. Bozu e Herrera (2009) listam algumas razões para optar por um perfil baseado em competência: (i) concentra-se no desenvolvimento de habilidades em indivíduos, favorecendo a formação de profissionais responsáveis, críticos e reflexivos, autônomos e com melhor desempenho profissional; (ii) esclarece sobre a necessidade de aprendizagem ao longo da vida, visa o aprofundamento e desenvolvimento de novas competências, (iii) aborda sobre a inter-relação de habilidades e conhecimentos, promovendo um desenvolvimento pessoal e profissional abrangente; (iv) enfatiza a educação contextualizada, necessária ao desenvolvimento integral dos alunos, constantemente integrada com a diversidade cultural e as condições em que o ensino está inserido, e (iv) oferece versatilidade para o ensino / aprendizagem, ou sejam maior capacidade de acompanhar o ritmo das constantes mudanças atuais.

Sobre o **planejamento**, Antonelli, Colauto e Cunha (2012) o definem como a capacidade de organizar as diversas atividades do processo ensino-aprendizagem, envolvendo assim todo o mapeamento de atividades, conteúdos, programas etc. do decorrer de um período letivo, isso porque é necessário que o professor planeje o decurso de suas aulas para que possa garantir que todo o conteúdo será visto, e que os trabalhos e provas ocorrerão em datas oportunas. Desse modo, o professor precisa desenvolver um planejamento de forma que possa organizar seu cronograma.

A **didática** é apontada como um atributo de suma importância a um professor. Segundo Gradwohl, Lopes e Costa (2009), ela está associada ao conjunto de atividades que estão ligadas à transmissão direta do conhecimento do educador ao educando. Rangel (1994) destaca que, a didática pode se manifestar na forma daquele profissional que transmite a ideia de gosto pela profissão, de segurança na disciplina e/ou conteúdo ministrado, no fornecimento de boas explicações, ou ainda, em habilidades para explicar bem o conteúdo e responder aos questionamentos dos alunos.

Guimarães (2014) amplia as discussões sobre a importância da prática didático-pedagógica do professor como condição necessária para promover a aprendizagem ativa do aluno. Para fundamentar sua proposta, o autor entende que a incursão na prática disciplinar exige do professor universitário um conjunto de competências, as quais devem ser regularmente empregadas, permitindo ao aluno estender o horizonte que compreende a problematização, a reflexão, a criticidade, a compreensão e o significado do conhecimento. Nesta perspectiva, encontram-se imbricadas questões que tratam do mercado de trabalho, da competência e formação do professor e, como consequência deste enredamento, da aprendizagem ativa do aluno.

2.2.2 CAPACIDADE TECNOLÓGICA

Os atributos tecnológicos têm se tornado cada vez mais essenciais, isso porque o uso da tecnologia da informação no processo de ensino-aprendizagem cria novas condições de produção e recepção de texto e, conseqüentemente, de produção de conhecimento. Contudo, para que a tecnologia seja utilizada a favor da educação, é necessário conscientizar os professores e responsáveis pela construção dos projetos de ensino-aprendizagem, no sentido de redefinirem o espaço da sala de aula, atentando-se para a necessidade de um ambiente de orientação metodológica.

Nas últimas décadas, a tecnologia evoluiu desenfreadamente, provocando modificações e renovações em todo o espaço. Segundo Póvoa (2000), o atual avanço e a disseminação das tecnologias de informação e comunicação vêm criando novas formas de

convivência, novos textos, novas leituras, novas escritas e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético.

Adicionalmente, salienta-se que, a cada ano, novos alunos têm ingressado cada vez mais jovens nos cursos superiores. Esses ingressantes são dotados de características diferentes da geração anterior, exibindo grande apreço pelo uso da tecnologia. Assim, os atuais estudantes, podem ter percepções diferentes sobre o bom professor quando comparados a gerações anteriores (NOGUEIRA; NOVA; CARVALHO, 2012), sendo importante mapear os atributos que delineiam o bom professor contemporâneo.

Apesar de toda tecnologia a disposição dos professores, Rangel (1994) destaca que por mais que se desejem meios e máquinas de informação do conhecimento, nada substitui, no processo de ensinar e aprender, a ação e a relação que se estabelecem com o professor. Ainda segundo o autor, nada substitui a presença do professor.

2.2.3 RELACIONAMENTO

O relacionamento refere-se ao convívio e à interação de um sujeito com o grupo do qual faz parte. Assim, o relacionamento entre professor e aluno pode ser tratado como aspecto central da qualidade do trabalho docente (GRADVOHL; LOPES; COSTA, 2009). Segundo Gassner (2010) o processo de ensino-aprendizagem é formado pelo tripé de relacionamento aluno – professor – conteúdo. Nogueira, Nova e Carvalho (2012) advertem que o relacionamento envolve as ações e referências entre o professor e seus alunos, sendo possível citar algumas características como: ser amigável, compreensivo, atencioso, respeitoso, simpático, bem-humorado, dinâmico, dar *feedback* rápido, paciente e organizado.

O relacionamento em questão já vem preestabelecido pela sociedade. Segundo Cunha (1994, p. 65) existe “certo consenso sobre os comportamentos que se espera de um aluno e o mesmo acontece com relação ao professor. Isso significa dizer que parte da relação professor aluno já é predeterminada socialmente”. No entanto, o relacionamento entre professor e alunos, por mais que seja predeterminado tem suas especificidades, pois cada professor e cada aluno têm suas maneiras de agir, características e atributos pessoais.

Para Guimarães (2014) se o foco do trabalho do docente recair sobre o ensino, não será a titulação ou sua possível produtividade no campo da pesquisa que o consagrará como competente. Nesta perspectiva, a competência além de estar circunscrita a um pequeno e seletivo grupo de *stakeholders*, também não responderia em que medida a prática da profissão – centrada no ensino – concederia o caráter de competência ao docente. Assim, o autor enfatiza que a competência do professor é travada e paulatinamente conquistada no cotidiano da relação que estabelece e constrói com o corpo discente.

Ainda sobre o relacionamento, Albuquerque (2010) destaca formas de comportamento e atitudes que devem ser tomadas pelos docentes ao interagirem com suas turmas: encorajar a discussão, convidar os alunos a partilhar seus conhecimentos e experiências, clarificar pensamentos para identificar razões para as questões, incitar os alunos a criticar as ideias do professor, saber se a turma está, ou não, a entender o professor, ter interesse e preocupação com a qualidade do seu ensino, estimular a aplicação dos conceitos por parte dos alunos para saber se estes compreenderam os conteúdos. Já na interação professor e aluno individual, Albuquerque (2010) salienta que o professor deve ter interesse genuíno nos estudantes, ser amistoso para com o aluno, relacionar-se com o aluno como indivíduo, reconhecer e cumprimentar o aluno fora da sala de aula, estar disponível/acessível para o aluno fora da sala de aula, ser estimado pela opinião, indiretamente relacionada com o curso e respeitar os alunos como pessoas.

2.2.4 PESSOAIS

Em estudo realizado por Magalhães e Patrus (2013) os atributos pessoais são trazidos como características de personalidade e se resumem em ser dinâmico, empenhado, inteligente, organizado, respeitador, responsável, seguro, sensato, ter amor pela profissão, ser assíduo e pontual. De forma similar, as características pessoais de um bom professor apontadas por Albuquerque (2010) são as seguintes: uma pessoa enérgica e dinâmica, ter um estilo de apresentação interessante (convidativo), parecer que gosta de ensinar, ser entusiasta acerca da matéria, parecer ter autoconfiança, variar a velocidade e tom de voz e ter sentido de humor.

2.2.5 MOTIVAÇÃO

A motivação pode ser definida como um impulso, um sentimento que faz com que os alunos atinjam seus objetivos e, dessa forma, representa um sentimento que deve ser estimulado pelos professores. Marion, Garcia e Cordeiro (1999) afirmam que independentemente da metodologia utilizada pelos professores, essa sempre deverá proporcionar que “a chama da motivação” do aluno permaneça acesa. O autor ainda salienta que o professor não ensina e sim, o aluno que toma a iniciativa de aprender. Assim, o professor deve instigar o aluno; desafiá-lo e entusiasma-lo a aprender. Nesse sentido, ao discorrer acerca da capacidade de motivação, Nossa (1999) destaca que o professor deve estimular seus alunos a aprender a aprender, devendo criar um espírito de busca permanente de novas descobertas, que inclusive, os motive a irem além do apresentado em aula.

A motivação é um elemento essencial para o desenvolvimento do ser humano. De acordo com Zanella (1997 p. 26), dentre as condições para que ocorra a aprendizagem, está a condição psicológica, que “diz respeito à motivação do indivíduo, ou seja, à forma como este se mobiliza e direciona sua ação na aprendizagem”. Assim, a motivação seria um processo interno que se constitui em resposta pessoal frente à determinada situação.

2.2.6 NÍVEL DE EXIGÊNCIA

A exigência é fortemente associada ao perfil individual do professor, do aluno e à filosofia de trabalho institucional. De acordo com Masetto (2003), o nível de exigência de um professor pode estar relacionado com atitudes fortes e pouco flexíveis em relação às demandas sobre os estudantes, seja em termos de avaliação, ou de cumprimento de demandas diversas, tais como pontualidade, assiduidade, rigor nos trabalhos, dentre outros.

Segundo Luckesi (1997) a avaliação da aprendizagem na academia tem os objetivos de auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado. O nível de exigência está diretamente associado às avaliações. Hoffmann (2003) destaca que há consenso de significado entre alunos e professores quanto a avaliar, considerando que “dar nota é avaliar, fazer prova é avaliar, e o registro de notas denomina-se avaliação”.

Em síntese, o entendimento sobre o bom professor é de interesse contínuo e recorrente nos ambientes de formação. Este interesse decorre do professor, que deseja obter crescimento pessoal e profissional e, também, dos que convivem no ambiente. A literatura, por sua vez, descreve vários atributos que permeiam o perfil ideal deste profissional. Dentre estes procurou-se elencar alguns aspectos que são evidenciados em investigações científicas anteriores, tais como: (i) o conhecimento, que envolve a experiência acumulada e os valores próprios do ser humano; o planejamento, que abrange a capacidade de organizar as atividades decorrentes da sua profissão; a didática, que abarca o modo de transmissão de conhecimento que é utilizado pelo professor; (ii) a capacidade tecnológica que o professor dispõe e utiliza

em suas aulas (iii) o relacionamento com os discentes, que diz respeito ao convívio e interação entre ambos; (iv) os atributos pessoais, que incluem as características de personalidade do professor; (v) a capacidade de motivação, necessária para a busca e fixação dos novos conhecimentos; e (vi) o nível de exigência, que é pessoal de cada professor e decorre também da filosofia de trabalho da instituição a qual o professor está vinculado.

2.3 ESTUDOS ANTERIORES

Um número considerável de pesquisas tem explorado o que se pode chamar de uma avaliação do ensino e dos professores, segundo a percepção dos seus alunos (PAN *et al.*, 2009).

Gradwohl, Lopes e Costa (2009) desenvolveram uma investigação a respeito do perfil do bom professor de contabilidade. A pesquisa dos autores baseou-se na percepção de alunos de cursos de graduação em Ciências Contábeis e analisou cinco atributos: didática, conhecimento teórico, experiência de mercado, relacionamento professor com o aluno e exigência. Foi constatado que os alunos atribuem maior importância para o atributo didática do professor e, com um valor de importância próximo, à experiência de mercado. As notas mais baixas, ou seja, os atributos menos importantes indicados pelos discentes foram nível de exigência e relacionamento do professor com o aluno.

Antonelli *et al.* (2012) exploraram a expectativa e a satisfação dos alunos de Ciências Contábeis com relação as competências dos docentes. A estratégia de pesquisa utilizada pelos autores foi uma *survey*, desenvolvida por meio de questionário. As questões do instrumento de coleta de dados foram agrupadas em 5 fatores, reunindo os seguintes constructos: proatividade, empatia e flexibilidade (1º fator); domínio na área do conhecimento, conhecimento didático pedagógico, planejamento e comprometimento (2º fator); trabalho em equipe, criatividade e visão sistêmica (3º fator); relacionamento interpessoal como a capacidade de estabelecer uma relação harmoniosa com os discentes (4º fator), e ética (5º fator). Os achados demonstram que os discentes esperam mais de seus docentes, de tal forma que as expectativas são maiores do que a satisfação. Sob a ótica da satisfação o trabalho em equipe e a criatividade revelam-se como as competências mais deficitárias dos docentes, entretanto positivamente demonstram-se éticos. Quanto as expectativas dos discentes em relação aos docentes, espera-se que o professor tenha domínio do conteúdo ministrado e habilidade de planejamento.

Magalhães e Patrus (2013) desenvolveram uma investigação baseada no seguinte questionamento: Quem foi seu melhor professor no curso de administração? A tese que orientou a elaboração do referido estudo considera que não existe um tipo universal, mas tipos de bons professores. Levando em consideração que o bom professor é considerado bom por um determinado grupo, é sempre oportuno considerar o perfil dos bons professores universitários e o perfil do aluno. Diante deste contexto, para a referida pesquisa foi feito um levantamento de como seria o bom professor para determinado perfil de aluno.

Albuquerque (2010) explorou o processo de aprendizagem, tratando das características do professor eficaz. A pesquisa buscou conhecer os principais fatores do processo de ensino e aprendizagem acerca das características associadas ao “bom professor” e foi operacionalizada por meio de entrevistas com 40 docentes e 40 discentes portugueses. Sob a perspectiva dos alunos, a dimensão mais valorizada foi o **relacionamento**. Na opinião dos discentes, essa característica se traduz na compreensão das necessidades do aluno, empatia, promoção de interação no grupo, amizade, disponibilidade para receber o aluno, e ausência de discriminação. A segunda característica mais relevante refere-se ao **conhecimento específico**, materializado na forma de domínio de conteúdos, segurança, conhecimentos teórico-práticos,

clareza na exposição e atualização de conhecimentos. A terceira característica diz respeito à **comunicação e linguagem**, que se traduz, em expor a matéria com clareza, possuir bom tom de voz, boa transmissão das matérias/conteúdos, boa fluência no discurso. O **nível de exigência e valores pessoais** também foram apontados como elementos relevantes. Em suma, uma análise global sobre o conjunto dos indicadores que, na opinião dos alunos, incorporam cada dimensão associada ao professor eficaz, permite identificar a preocupação e o reconhecimento da importância de conviver, conhecer e saber comunicar como os três pilares em que assenta a qualidade do ensino/educação.

Malm e Lofgren (2006) analisaram as características dos bons professores sob a perspectiva dos alunos. Os autores aplicaram um questionário com 27 questões e uma escala de cinco graus a alunos de cinco escolas e 26 classes. A pesquisa apontou que os bons professores têm capacidade de manter a ordem, a disciplina e a estruturação do ensino; conhecimento do assunto e confiança nas suas áreas; oferecem feedback; consideram a individualidade dos alunos e são justos.

Borrero e Lousada (2012) apresentam um estudo sobre a relevância do papel do professor de ensino superior em um contexto atual de mudanças. O objetivo do estudo foi conhecer a opinião dos alunos sobre o que considera ser um bom professor. O trabalho de campo foi realizado em 2011 e a amostra do estudo foi composta por 1.137 estudantes universitários da Universidade de Huelva, Almería e Córdoba na Espanha. Os principais resultados mostram a relevância para as questões relacionadas com estratégias de conhecimento e de ensino básico do professor. Estes resultados indicam que não apenas ter conhecimento não é o suficiente para saber sobre o assunto, é necessário ter e usar estratégias de ensino didáticos que facilitam a aprendizagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para identificar quais atributos delineiam o bom professor de cursos de Ciências Contábeis, segundo a percepção de alunos brasileiros e portugueses, desenvolveu-se um levantamento, operacionalizado por meio de um questionário eletrônico.

A população é composta por 977 discentes, sendo 495 alunos que em 2013 estavam matriculados no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e 482 alunos matriculados no curso de Contabilidade da Universidade de Aveiro. Deste universo, 91 estudantes vinculados a FURG e 60 a Universidade de Aveiro (UA) responderam todas as perguntas indicadas no questionário. Desse modo, a amostra investigada é constituída de 151 discentes, o que corresponde a 15% da população. Cumpre salientar que a amostra foi definida por conveniência e as perguntas sobre perfil foram feitas antes das perguntas da pesquisa. Assim, destaca-se que esses dois fatores podem gerar viés às respostas. Inclusive, observa-se que o perfil etário e de semestre dos respondentes é diferente entre as instituições, o que também tende a enviesar os atributos valorizados, mas em função da possibilidade limitada de acesso, desenvolveu-se a investigação a partir da amostra que foi possível compor.

Como uma relação dos alunos matriculados na Universidade Federal do Rio Grande e seus respectivos e-mails foram disponibilizados pela coordenação do curso de Ciências Contábeis, os discentes dessa instituição receberam um e-mail contendo o convite para participação da pesquisa, esclarecimentos acerca da investigação, garantia do anonimato, bem como o *link* para acessar o instrumento. No caso dos estudantes portugueses, a coordenação do curso ofertado pela Universidade de Aveiro centralizou o repasse do convite aos estudantes, efetuando via plataforma *moodle*. Inicialmente, concentraram-se esforços na coleta de dados juntos aos alunos da Universidade de Aveiro e, posteriormente, junto aos discentes matriculados na FURG. O período de coleta se estendeu de fevereiro a agosto de 2013.

O questionário foi estruturado em dois blocos: o primeiro contendo questões referentes ao perfil do respondente e o segundo voltado à caracterização do bom professor. Trata-se do instrumento utilizado por Nogueira, Nova e Carvalho (2012), que congregou questões sobre bons professores desenvolvidas a partir dos estudos de Lowman (2004), Marsh (1991) e Pan et al. (2009), perguntas sobre uso de tecnologia, embasadas em Whale (2006), e ainda, questionamentos relativos a características físicas dos professores (NOGUEIRA; NOVA; CARVALHO, 2012).

Para análise dos dados, empregou-se a técnica de análise fatorial. Também denominada como análise do fator comum, a referida técnica busca resumir relações observadas entre um conjunto de variáveis inter-relacionadas (atributos dos bons professores) com a finalidade de identificar fatores comuns (FÁVERO *et al.*, 2009), permitindo assim, a simplificação de um grande volume de dados.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

Quanto à identificação do perfil dos estudantes, foram realizadas perguntas para que se pudesse mapear o país onde estavam estudando, a universidade, o semestre, o gênero, a idade, sua ocupação, aspectos relativos às motivações que os levaram à escolha do curso e qual a expectativa com a conclusão do mesmo. Do total de questionários válidos, 60% dos respondentes estudam na Universidade Federal do Rio Grande e o restante na Universidade de Aveiro. Quanto ao gênero dos respondentes, constatou-se predominância de estudantes do gênero feminino, com 72% (108), enquanto o gênero masculino representa 28% (43) da amostra.

Quanto à idade, os respondentes foram agrupados por faixa etária, com intervalo de 5 anos (Tabela 1). A maioria dos estudantes portugueses (73,3%) tem até 25 anos e, de forma similar, a maioria dos discentes brasileiros (71,4%) tem até 30 anos, indicando assim, que os estudantes portugueses ingressam mais jovens na universidade.

Tabela 1 - Faixa Etária dos Estudantes

IDADE	UA		FURG		Total de Respondentes	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Até 20 anos	22	36,7%	8	8,8%	30	19,9%
Entre 21 e 25 anos	22	36,7%	35	38,5%	57	37,7%
Entre 26 e 30 anos	6	10,0%	22	24,2%	28	18,5%
Entre 31 e 35 anos	3	5,0%	8	8,8%	11	7,3%
Acima de 36 anos	7	11,7%	18	19,8%	25	16,6%
TOTAL	60		91		151	100,0%

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto ao semestre que estavam cursando no período da coleta de dados, constatou-se que a maioria das respostas provém de estudantes que estavam cursando o segundo semestre do curso (Tabela 2). A ausência de alunos da Universidade de Aveiro matriculados nos semestres ímpares é justificada pela forma de oferta do curso na instituição.

Tabela 2 - Semestre dos Estudantes

Semestre	UA		FURG		Total de Respondentes	
1°	0	0,0%	13	14,3%	13	8,6%
2°	24	40,0%	15	16,5%	39	25,8%
3°	0	0,0%	8	8,8%	8	5,3%
4°	16	26,7%	13	14,3%	29	19,2%
5°	0	0,0%	13	14,3%	13	8,6%
6°	13	21,7%	7	7,7%	20	13,2%
7°	0	0,0%	8	8,8%	8	5,3%
8°	7	11,7%	14	15,4%	21	13,9%
TOTAL	60		91		151	100,0%

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a ocupação dos respondentes, observa-se que a maior frequência ficou entre os que estudam e trabalham (mais que 30 horas por semana), representando 46% do total. Destes, 53 são brasileiros e 16 portugueses. Esse achado se opõe a segunda maior frequência relativa à ocupação dos estudantes: dos 34% que somente estudam, 37 são portugueses e 14 são brasileiros. Assim 10% ficam entre os que estudam e trabalham até 20 horas por semana e 11% representam os que estudam e trabalham até 30 horas por semana.

A questão que explorou a motivação dos estudantes na escolha do curso permitia a indicação de mais de uma alternativa como resposta. Considerando essa escolha de coleta de dados, dentre os estudantes portugueses, constatou-se que o fato da profissão permitir atuar em diferentes áreas/segmentos da empresa representa o elemento mais indicado como relevante na escolha do curso (35 indicações, de 119). Destaca-se, ainda com relação aos discentes da UA, que a escolha do curso não se justifica pela possibilidade de prestar concurso público (nenhuma indicação). Dentre os estudantes brasileiros, a possibilidade de atuação em diferentes áreas/segmentos da empresa também foi indicada como a mais importante na escolha do curso (41 indicações, de 163), seguida da oportunidade de realização de concursos públicos (39 indicações, de 163) e volume de oferta de emprego (36 indicações, de 163).

Por fim, no que tange a expectativa dos estudantes com a conclusão do curso, o fator mais relevante para os discentes portugueses é a entrada no mercado de trabalho e o menos relevante são os concursos públicos, o que os distingue dos estudantes brasileiros que têm por maior expectativa os concursos públicos e menor, manterem-se no atual trabalho.

Em síntese, os achados indicam que os alunos portugueses ingressam mais jovens ao ensino superior e dedicam-se exclusivamente à vida universitária e os brasileiros ingressam um pouco mais tarde e a maioria estuda e trabalha. Constatou-se ainda, que os portugueses parecem exibir um perfil mais empreendedor (indicaram estarem se preparando para ter o próprio negócio) que os brasileiros, que vislumbram a carreira pública e também têm como expectativa fazer cursos de pós-graduação (*stricto e lato sensu*).

4.2 CARACTERÍSTICAS DE UM BOM PROFESSOR

Analisando-se as características descritas no presente estudo, calcularam-se as médias, os desvios padrão e soma de nota de todos os itens dos estudantes brasileiros e dos estudantes portugueses (Tabelas 3 e 4). As notas foram obtidas, por meio, de uma escala de 1 a 10, em

que a nota 1 representava o menor nível de concordância com o item apresentado e a 10, o maior nível de concordância. Deve-se observar que a quantidade de respondentes foi a mesma para cada quesito, ou seja, nenhum estudante deixou de responder alguma questão. Entre os estudantes brasileiros ter domínio do conteúdo, ser didático e claro nas explicações, aparecem como características de maior destaque. Esse resultado é compatível com o estudo de Nogueira, Nova e Carvalho (2012), que também apontam o domínio do conteúdo e a capacidade de explicar como características mais relevantes do bom professor, em uma análise isolada de cada item.

Tabela 3 - Médias e desvios padrão dos Estudantes brasileiros

Características	média	desvio padrão	nota mínima	nota máxima	soma das notas
Ter domínio do conteúdo que está ensinando	9,65	0,63	8	10	878
Capacidade de explicar (didático)	9,65	0,79	5	10	878
Ser claro nas explicações	9,55	0,79	6	10	869
Ter conhecimento da teoria do assunto que está ensinando	9,53	0,79	7	10	867
Preparar bem o material utilizado nas aulas	9,53	0,77	6	10	867
Saber fazer a ligação entre a teoria e a prática	9,53	0,88	5	10	867
Vir preparado para todas as aulas (Com conteúdo preparado e pronto para dar a aula)	9,33	0,97	5	10	849
Ser respeitoso com os alunos	9,27	1,16	4	10	844
Ser dedicado a profissão	9,26	1,02	6	10	843
Ser acessível aos alunos	9,18	1,13	5	10	835
Capacidade de despertar o interesse dos alunos pelo conteúdo	9,13	1,15	6	10	831
Ser organizado	9,12	1,07	6	10	830
Ter conhecimento da prática do assunto que está ensinando	9,04	1,33	5	10	823
Ser dinâmico nas aulas	8,97	1,01	6	10	816
Ter entusiasmo para transmitir o conteúdo	8,84	1,16	5	10	804
Ser atencioso com os alunos	8,81	1,42	5	10	802
Ser exigente	8,69	1,37	3	10	791
Utilizar e-mail para se comunicar com os alunos	8,62	1,71	1	10	784
Dar Feedback (resposta) das notas da prova rapidamente	8,49	1,87	2	10	773
Ser paciente	8,34	1,60	2	10	759
Ser prestativo	8,29	1,68	2	10	754
Ser compreensivo com os alunos	8,29	1,48	5	10	754
Ser desafiador	8,18	1,60	2	10	744
Utilizar softwares para resolução de atividades	7,81	2,32	1	10	711
Ser culto	7,78	1,76	1	10	708
Ser amigável com os alunos	7,76	1,99	2	10	706
Ser simpático com os alunos	7,49	2,17	1	10	682
Ser bem humorado nas aulas	7,48	2,12	1	10	681
Ter letra legível ao escrever no quadro	6,76	2,46	1	10	615
Utilizar conteúdo da internet (indicar sites, etc.)	6,54	2,40	1	10	595

Características	média	desvio padrão	nota mínima	nota máxima	soma das notas
Permitir os alunos utilizar computador na sala de aula	6,25	3,08	1	10	569
Ter tom de voz agradável	5,60	2,78	1	10	510
Utilizar recursos como vídeos ou músicas em sala de aula	5,60	2,71	1	10	510
Ser asseado (Bem vestido, cabelo penteado, sempre arrumado)	4,80	3,04	1	10	437
Ter beleza física	2,01	2,16	1	10	183

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação aos estudantes portugueses, nota-se na Tabela 4, que a ordenação das características é semelhante àquela dos estudantes brasileiros, no entanto, os itens com mais destaque estão ligados ao conhecimento teórico e o conhecimento prático e a ligação entre esses conhecimentos. O domínio do conteúdo e capacidade de explicar também aparecem entre os itens com maior média.

Tabela 4 - Médias e desvios padrão dos Estudantes portugueses

Características	média	desvio padrão	nota mínima	nota máxima	soma das notas
Saber fazer a ligação entre a teoria e a prática	9,17	1,50	4	10	550
Ter conhecimento da teoria do assunto que está ensinando	9,10	1,62	4	10	546
Ter conhecimento da prática do assunto que está ensinando	9,09	1,51	5	10	545
Capacidade de explicar (didático)	9,04	1,57	4	10	542
Ter domínio do conteúdo que está ensinando	9,02	1,68	4	10	541
Ser claro nas explicações	8,95	1,70	3	10	537
Capacidade de despertar o interesse dos alunos pelo conteúdo	8,87	1,71	3	10	532
Vir preparado para todas as aulas	8,85	1,49	5	10	531
Preparar bem o material utilizado nas aulas	8,84	1,58	4	10	530
Ser respeitoso com os alunos	8,64	1,85	4	10	518
Ser dedicado a profissão	8,62	1,86	4	10	517
Ser dinâmico nas aulas	8,55	1,67	4	10	513
Ter entusiasmo para transmitir o conteúdo	8,52	1,53	4	10	511
Ser organizado	8,49	1,65	3	10	509
Ser atencioso com os alunos	8,44	1,72	4	10	506
Ser acessível aos alunos	8,44	1,97	2	10	506
Ser prestativo	8,40	1,64	5	10	504
Ser compreensivo com os alunos	8,35	1,79	2	10	501
Ser exigente	8,24	1,7	3	10	494
Ser paciente	8,22	1,76	4	10	493
Ser bem humorado nas aulas	8,09	1,79	4	10	485
Ser simpático com os alunos	7,94	2,15	2	10	476

Características	média	desvio padrão	nota mínima	nota máxima	soma das notas
Ser amigável com os alunos	7,92	1,94	3	10	475
Ser desafiador	7,90	1,77	4	10	474
Dar Feedback (resposta) das notas da prova rapidamente	7,72	2,08	3	10	463
Utilizar e-mail para se comunicar com os alunos	7,65	1,93	3	10	459
Ser culto	7,50	1,88	3	10	450
Ter letra legível ao escrever no quadro	7,32	2,15	1	10	439
Utilizar softwares (como na prática) para resolução de atividades	6,37	2,39	1	10	382
Utilizar conteúdo da internet (indicar sites, etc.)	6,12	2,47	1	10	367
Ter tom de voz agradável	5,90	2,38	1	10	354
Ser asseado (Bem vestido, cabelo penteado, sempre arrumado)	5,32	2,42	1	10	319
Utilizar recursos como vídeos ou músicas em sala de aula	5,25	2,67	1	10	315
Permitir os alunos utilizar computador na sala de aula	4,69	2,97	1	10	281
Ter beleza física	2,90	2,31	1	10	174

Fonte: dados da pesquisa.

Nos dois grupos (brasileiros e portugueses), os itens com menor valor foram: beleza física, ser asseado, tom de voz agradável, utilizar recursos como vídeos e músicas e autorizar os estudantes a utilizar computador em sala de aula. Esses resultados também, semelhantes aos do estudo de Nogueira, Nova e Carvalho (2012).

Depois da análise isolada das variáveis, procedeu-se a análise fatorial de todos os componentes. Em função dos resultados, entre os estudantes brasileiros e portugueses terem sido semelhantes, fez-se a opção pela análise fatorial dos dois grupos juntos. Para a realização da análise, foi utilizada a rotação Varimax.

Com o resultado estatístico obtiveram-se os seguintes fatores: (1) planejamento, conhecimento e didática, (2) nível de exigência, (3) características de relacionamento, (4) capacidade tecnológica, (5) motivação, (6) atributos pessoais, conforme Tabela 5.

Tabela 5 - Análise Fatorial com Rotação Varimax

Características	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
Ter conhecimento da teoria do assunto que está ensinando	0,8507					
Saber fazer a ligação entre a teoria e a prática	0,7911					
Ter domínio do conteúdo que está ensinando	0,7575					
Capacidade de explicar (didático)	0,7549					
Preparar bem o material utilizado nas aulas	0,7077					
Ter conhecimento da prática do assunto que está ensinando	0,6709					

Características	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
Ser claro nas explicações	0,6481					
Ser dinâmico nas aulas	0,6035					
Vir preparado para todas as aulas	0,5862					
Ser exigente		0,7316				
Ser desafiador		0,6748				
Ser amigável com os alunos			0,8215			
Ser simpático com os alunos			0,7973			
Ser compreensivo com os alunos			0,7858			
Ser bem humorado nas aulas			0,7470			
Ser paciente			0,7176			
Ser prestativo			0,6583			
Ser respeitoso com os alunos			0,5936			
Ser atencioso com os alunos			0,5885			
Ser organizado			0,5592			
Ser acessível aos alunos			0,5050			
Utilizar conteúdo da internet				0,8180		
Permitir os alunos utilizar computador na sala de aula				0,7657		
Utilizar recursos como vídeos ou músicas em sala de aula				0,7617		
Utilizar e-mail para se comunicar com os alunos				0,7153		
Utilizar softwares para resolução de atividades				0,6864		
Dar Feedback das notas da prova rapidamente				0,5341		
Ter entusiasmo para transmitir o conteúdo					0,6672	
Capacidade de despertar o interesse dos alunos pelo conteúdo					0,5301	
Ter tom de voz agradável						0,7717
Ter letra legível ao escrever no quadro						0,7641
Ter beleza física						0,5946
Ser asseado						0,5222

Nota 1: Extraction Method – Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme exposto na Tabela 6, pode-se observar que o principal atributo para definir um bom professor, está ligado ao planejamento, conhecimento e didática que explica 74,32% do perfil. As características de relacionamento é outro fator importante com 14,24% do total. Esses dois atributos adicionados à motivação explicam 94,01% do perfil de um bom professor.

Tabela 6 - Resultados da Análise Fatorial

Características	Eigenvalues			Soma dos quadrados das cargas fatoriais		
	Total	% de variância	% cumulativo	Total	% de variância	% cumulativo
Planejamento, conhecimento e didática	24,583	74,32	74,32	24,583	74,32	74,32
Características de relacionamento	4,711	14,24	88,56	4,711	14,24	88,56
Motivação	1,803	5,45	94,01	1,803	5,45	94,01
Nível de exigência	0,676	2,04	96,05	0,676	2,04	96,05
Capacidade tecnológica	0,670	2,03	98,08	0,670	2,03	98,08
Atributos pessoais	0,636	1,92	100,00	0,636	1,92	100,00

Após a apresentação dos resultados e comparação destes com resultados de pesquisas anteriores elencam-se as considerações finais em relação aos mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa foi possível mapear quais atributos caracterizam um bom professor, segundo a visão de alunos de Ciências Contábeis de uma universidade brasileira e de uma universidade portuguesa. Os achados indicam que estudantes brasileiros, matriculados na Universidade Federal do Rio Grande têm preferências distintas de alunos que estão vinculados à Universidade de Aveiro, em Portugal. Este primeiro achado é relevante, uma vez que ilustra que o ambiente onde o curso é oferta pode configurar-se como elemento importante no processo de constituição de um conjunto de atributos capazes de conferir a um profissional da área da educação o status de bom professor.

Partindo de seis atributos desenvolvidos por Lowman (2004) – (i) conhecimento, planejamento e didática, (ii) capacidade tecnológica, (iii) relacionamento com os discentes, (iv) atributos pessoais, (v) capacidade de motivação, e (vi) nível de exigência – esta pesquisa comprovou que estudantes brasileiros de contabilidade destacam que o bom professor deve deter o domínio do conteúdo, deve ser didático e claro nas explicações. Essas características confirmam estudos anteriores sobre o tema e demonstram uma preferência inclinada para elementos ligados à educação (didática e clareza), sem prejuízo do conhecimento técnico, que estaria relacionado com o domínio do conteúdo ministrado.

Para os estudantes portugueses, o diferencial docente repousa sobre a capacidade de promover articulações entre teoria e prática, o que se torna possível quando o professor tem ambos os tipos de conhecimentos e/ou experiências para compartilhar com seus discentes. De forma similar aos achados obtidos a partir de estudantes brasileiros, alunos portugueses também valorizam o domínio do conteúdo e capacidade de promover explicações.

Os atributos pertinentes ao bom professor relacionados com beleza física, ser asseado, possuir tom de voz agradável, utilizar recursos como vídeos e músicas e autorizar os estudantes a utilizar computador em sala de aula foram elencados como menos importantes nesta pesquisa, o que está convergente com achados de estudos anteriores. Esse achado também é relevante, pois ilustra uma preferência interessante, sobretudo atualmente, pois verifica-se um crescimento acirrado do uso de tecnologias de informação e comunicação, por exemplo, como um recurso para promover suporte às aulas. De forma similar, o fato de não se comprovado uma preferência relativa ao uso de vídeos e músicas também é surpreendente, pois o uso de recursos dessa natureza tem crescido substancialmente em diversas áreas do conhecimento.

A análise fatorial empregada nesta pesquisa indicou que, segundo a amostra estudada, um bom professor pode ser definido como aquele profissional docente que exibe atributos ligados a planejamento, conhecimento e didática. De forma complementar, atributos de

relacionamento também foram valorizados pelos estudantes pesquisados, levando à comprovação de que esses atributos respondem por 94% do perfil de um bom professor.

Como limitação do estudo admite-se que aspectos como ementas, duração do curso e objetivos para formação dos egressos são um diferencial na comparação dos resultados entre as instituições pesquisadas. No entanto, estes fatos não inviabilizam o estudo, pois a pesquisa em diferentes contextos, inclusive culturais, permite novas perspectivas para o campo científico.

A contribuição deste estudo perpassa a perseguição de melhorias no perfil do bom professor. Sugestões de estudos futuros são direcionadas à ampliação da amostra de pesquisa, e exploração de atributos não contemplados nesta investigação. São bem-vindas pesquisas de outros níveis de ensino, outros cursos de graduação, outras universidades e outros países, de forma a ampliar o ramo de conhecimento sobre o perfil desejado para o bom professor. De forma complementar, o entendimento das circunstâncias nas quais um ou outro atributo deve ser mais valorizado também deve integrar a agenda de pesquisas futuras. Nesse sentido, destaca-se a relevância de se explorar, por exemplo, se em anos iniciais de cursos superiores alguns atributos mostrem-se mais relevantes, ou ainda, se tal importância é produto da área de conhecimento de cada curso.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. M. S. Processo ensino-aprendizagem: características do professor eficaz. **Millenium**, 39: 55-71, 2010.

ANTONELLI, R. A., COLAUTO, R. D., & CUNHA, J. V. A. Expectativa e satisfação dos alunos de ciências contábeis com relação às competências docentes. **REICE**, 10(1), 2012.

ANTONELLI, R. A.; GUELFY, B. F. C.; TUMELERO, R. C.; VOESE, S. B. Características Do Bom Professor Sob A Ótica Dos Discentes De Ciências Contábeis Da Geração Y. In: Congresso da ANPCONT, IX, 2015, Curitiba, **Anais ...** Paraná: ANPCONT, 2015.

APOSTOLOU, B., DORMINEY, J. W., HASSELL, J. M., & REBELE, J. E. Accounting education literature review (2013–2014). **Journal of Accounting Education**, v. 33(2), p. 69-127, 2015.

APOSTOLOU, B., DORMINEY, J. W., HASSELL, J. M., & WATSON, S. F. Accounting education literature review (2010–2012). **Journal of Accounting Education**, v. 31(2), p. 107-161, 2013.

APOSTOLOU, B., HASSELL, J. M., REBELE, J. E., & WATSON, S. F. Accounting education literature review (2006–2009). **Journal of Accounting Education**, v. 28(3), p. 145-197, 2010.

ARAÚJO, T. S.; LIMA, F. D. C.; OLIVEIRA, A. C. L; MIRANDA, G. J. Problemas Percebidos no Exercício da Docência em Contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, 26(67): 93-105, 2015.

BORRERO, M., & LOUSADA, S. El perfil del buen docente universitario. Una aproximación en función del sexo del alumnado. **REDU - Revista de docência Universitária**, 10(2): 237-240, 2012.

BOZU, Z., & HERRERA, J. C. **El profesorado universitario en la sociedad del**

conocimiento: competencias profesionales docentes. Disponível em: http://educacioncientifica.org/Refiedu/Vol2_2/REFIEDU_2_2_4.pdf. Acesso em 21/04/2015. 2009.

CATALDI, Z. Un nuevo perfil del profesor universitario. **Revista de informatica educativa y medios audiovisuales**, 1(3):28-33, 2004.

CATAPAN, A.; COLAUTO, R. D.; SILLAS, E. P. Percepção dos discentes sobre os docentes exemplares de contabilidade em IES públicas e privadas. **Revista de Informação Contábil**. 6(2): 63-82, 2012.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática** (3rd ed.). Campinas: Papyrus, 1994.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

FÁVERO, L. P., BELFIORE, P., SILVA, F. L., & CHAN, B. L. **Análise de dados**: modelagem multivariada para tomada de decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

GAMMIE, B., GAMMIE, E., & CARGILL, E. Personal skills development in the accounting curriculum. **Accounting Education**, v. 11(1), p. 63-78, 2002.

GASSNER, F. P. **Percepções e preferências, em relação ao ensino, dos estudantes de Ciências Contábeis das universidades federais do sul do Brasil**. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) – Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, 2010.

GRADVOHL, R. F., LOPES, F. F. P., & COSTA, F. J. O perfil do bom professor de contabilidade: uma análise a partir da perspectiva de alunos de cursos de graduação. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 9, 2009, São Paulo, **Anais ...** São Paulo: FIPECAFI, 2009.

GUIMARÃES, J. Competências do professor universitário: a prática como itinerário para a aprendizagem ativa do aluno e para a formação continuada do docente. In: Encontro da ANPAD, XXXVIII, 2014, Rio de Janeiro, **Anais ...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.

HERNANDES, D. C. R., PELEIS, I. R., & BARBALHO, V. F. O professor de contabilidade: habilidades e competências. In Saraiva (Ed.), **Didática do ensino da contabilidade: aplicável à outros cursos superiores** (1st ed., pp. 61–119). São Paulo, 2006.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação: mito e desafio**. São Paulo: Mediação, 2003.

KÜHL, M. R., MAÇANEIRO, M. B., CUNHA, J. C.; CUNHA, S. K. da. O valor das competências docentes no ensino da Administração. **Revista de Administração de São Paulo**, 48: 783–799, 2013. doi:10.5700/rausp1121.

LOWMAN, J. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

LUCKESI, C. C. **Avaliação de aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MAGALHÃES, Y. T.; PATRUS, R. Quem foi seu melhor professor no curso de administração? uma análise dos tipos de bons professores sob a ótica do aluno. In: Encontro da ANPAD, XXXVII, 2013, Rio de Janeiro, *Anais ...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.

MALM, B.; LÖFGREN, H. Teacher competence and student's conflict handling strategies. *Research in Education*, 76: 62-73, 2006.

MARION, J. C.; GARCIA, E.; CORDEIRO, M. Discussão sobre metodologias de ensino aplicáveis à contabilidade. *Contabilidade Vista & Revista*, 10(1): 28-33, 1999.

MARSH, H. W. Multidimensional student's evaluations of teaching effectiveness: a teste of alternativa higher-order structures. *Journal of Educational Psychology*, 83: 285–296, 1991.

MASETTO, M. T. **Competências pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

NOGUEIRA, D. R.; NOVA, S. P. C. C.; CARVALHO, R. C. O. O bom professor na perspectiva da geração Y: uma análise sob a percepção dos discentes de Ciências Contábeis. **Enfoque: Reflexão Contábil**, 31(11): 37–52, 2012. doi: 10.4025/enfoque.v31i3.16895.

NOSSA, V. Formação do corpo docente dos cursos de graduação em contabilidade no Brasil: uma análise crítica. *Caderno de Estudos*, São Paulo: FIPECAFI, nº 21 – Maio a Agosto, 1999.

OTT, E.; CUNHA, J. V. A.; CORNACCHIONE Jr, E. B.; DE LUCA, M. M. M. Relevância dos conhecimentos, habilidades e métodos instrucionais na perspectiva de estudantes e profissionais da área contábil: estudo comparativo internacional. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 22(57), p. 338-356, 2011.

PAN, D.; TAN, G. S. H.; RAGUPATHI, K.; BOOLUCK, K.; ROOP, R.; IP, Y. K. Profiling teacher/teaching using descriptors derived from qualitative feedback: Formative and summative applications. *Research in Higher Education*, 50, 73–100, 2009. doi:10.1007/s11162-008-9109-4.

PLUTARCO, F. F., & GRADVOHL, R. F. Competências dos professores de Administração: a visão dos alunos de cursos de Graduação. In: Encontro da ANPAD, XXXIV, 2010, Rio de Janeiro, *Anais ...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

PORTUGAL. Lei n.º 49 de 30 de Agosto de 2005. Alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo. Disponível em: <http://www.dges.mctes.pt/NR/ronlyres/720F589D-0360-48D2-AE1D-80142EA2BB8A/497/11Lei_49_2006.pdf>. Acesso em 14/08/2014.

PÓVOA, M. **Anatomia da internet: investigações estratégicas sobre o universo digital**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

RANGEL, M. **Representação e reflexões sobre o bom professor**. Petrópolis: Vozes, 1994.

REICHEL, N.; ARNON, S. A multicultural view of the good teacher in Israel. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, 15(1): 59–85, 2009.

SANTANA, A. L. A.; ARAÚJO, A. M. P. Aspectos do perfil do professor de Ciências Contábeis e seu reflexo no Exame Nacional de Desempenho dos estudantes (ENADE) – um estudo nas universidades federais do Brasil. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, 22(4): 73–112, 2012.

VIEIRA, C. DE C. N., PADILHA, C. K., & DOMINGUES, M. J. C. de S. Características esperadas do professor atuante nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. **Revista Da UNIFEPE**, 1(12): 125–138, 2013.

WHALE, D. Technology skills as a criterion in teacher evaluation. **Journal of Technology and Teacher Education**, 14(1), 61–74, 2006.

ZABALZA, M. A. **Competencias docentes del profesorado universitario: calidad y desarrollo profesional**. Madri: Narcea, 2004.

ZANELLA, L. Aprendizagem: uma introdução. Em J. La Rosa (Org.), **Psicologia e Educação: o significado do aprender** (pp. 17-31). Porto Alegre: EIPUCRS, 1997.